

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

Ano IX, Nº 259 - Volume XXVIII - Porto Velho - Julho/2010.

ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABÍOLA HOLANDA - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

EDITORAÇÃO GRÁFICA

ELIAQUIM DA CUNHA & SHEILA CASTRO

Os textos devem conter no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail: primeiraversao@gmail.com

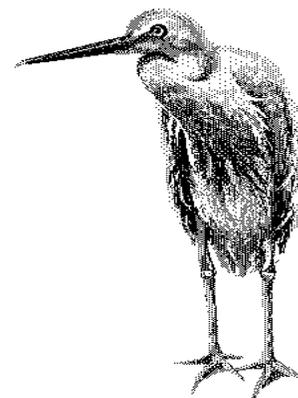
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

259



**SOFISTAS: O ADVENTO DA PERSUASÃO E A
CAPACIDADE DE CONQUISTAR**

Marcos Aparecido Atilés Mateus

SOFISTAS: O ADVENTO DA PERSUASÃO E A CAPACIDADE DE CONQUISTAR

¹ Marcos Aparecido Atilés Mateus

RESUMO

A Proposta desse trabalho consiste em desenvolver uma análise empírica sobre os Sofistas, os primeiros a inserir uma importante reflexão no seio da culta comunidade grega, possibilitando o surgimento da democracia. A reflexão antropológica inaugurada pelos sofistas foi capaz de responder aos questionamentos que a cosmologia dos fisiocratas já não abarcava. E também, de certa forma, os sofistas popularizaram a educação, outrora privilégio apenas da aristocracia. Em se tratando de educação, promoveram uma revolução na sociedade grega quebrando o círculo tradicional que privilegiava os aristocratas que detinham o poder em suas mãos. Todavia, ao promoverem o embate em praças públicas estavam inaugurando uma nova forma de pensar. Eles também promoveram significativas quebras de paradigmas, bons oradores, conturbadores da ordem instaurada, defensores da democracia, mas passaram para a história como vilões. Pretendemos apenas analisar atentamente o tema abordado, sem a pretensão de esgotar o assunto mencionado.

PALAVRAS-CHAVE: sofistas - opinião subjetiva – autêntica objetividade - aparências – essências

ABSTRACT

This paper has as the proposal to develop an empirical analysis of the Sophists, who initiates a major reflection insert in the cultured Greek community, enabling the emergence of democracy. The anthropological thought inaugurated by the sophists was able to answer the questions that the cosmology of the Physiocrats no longer embraced. The sophists also popularized education, before, only privilege of the aristocracy. In the education area, the sophists fostered a revolution in Greek society by breaking the traditional circle that gave the aristocrats who held power in their hands. However, to promote the clash in public squares were inaugurating a new way of thinking. They also promoted a significant paradigm shift, good speakers, disturbed the established order, defenders of democracy, but went down in history as villains. We intend to carefully analyze only the subject matter, without claiming to exhaust the subject mentioned.

Key Words: Sophists. Subject opinion. True objectivity. Appearances. Essences.

INTRODUÇÃO

Os sofistas, que são os primeiros filósofos do período socrático, mais importantes foram: Protágoras de Abdera, Górgias de Leontini e Isócrates de Atenas.

Eles apresentavam-se como mestres de oratória ou de retórica, afirmando ser possível ensinar aos jovens tal arte para que fossem bons cidadãos. Diziam que os ensinamentos dos filósofos cosmologistas estavam repletos de erros e contradições e que não tinham utilidade para a vida da Pólis. E assim, com o poder da

¹ Professor de Filosofia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia. Especialista em Ética PUC/PR.

oratória, espalhavam-se no seio da sociedade ensinando a arte da persuasão. Ensinando técnicas de persuasão para os jovens, que aprendiam a defender a posição ou opinião, de modo que numa assembleia, soubessem ter fortes argumentações a favor ou contra uma opinião e ganhassem a discussão.

Compreende-se que o filósofo Sócrates, considerado o patrono da Filosofia, revelou-se contra os sofistas, acusando-os de não filósofos, pois para Sócrates eles não tinham amor pela sabedoria nem respeito pela verdade, defendendo qualquer idéia, se isso fosse vantajoso. Corrompiam o espírito dos jovens, pois faziam o erro e a mentira valerem tanto quanto a verdade.

Como a educação antiga do guerreiro belo e bom já não atendia às exigências da sociedade grega e, por outro lado, os filósofos cosmologistas defendessem idéias tão contrárias entre si que também não eram fonte segura para o conhecimento verdadeiro. E assim forçava, entretanto o desenvolvimento intelectual grego.

OS MESTRES DO SABER: SOFISTAS

O esclarecimento dos gregos evidencia um desenvolvimento intelectual que atingiu o ponto alto, em Atenas, criando as diversas correntes da arte e do pensamento grego durante o século V a.C. A época de Péricles e a construção do Partenon viram Atenas no auge de sua criatividade cultural e de sua influência política sobre a Grécia, o ateniense afirmava-se em seu mundo como um novo sentido de poder e inteligência.

Percebe-se que depois do triunfo sobre os invasores persas e de se consolidar como líder dos estados gregos, Atenas emergiu rapidamente como cidade comercial e marítima em expansão, com ambições imperialistas. As atividades que se desenvolviam na cidade proporcionavam aos cidadãos atenienses um contato cada vez maior com outras culturas, outras perspectivas e uma nova sofisticação urbana. Com isso, Atenas tornava-se a primeira metrópole grega. Os desenvolvimentos do autogoverno democrático e dos avanços técnicos na agricultura e na navegação expressavam e estimulavam o novo espírito humanista.

Também faz jus destacar que os primeiros filósofos que estavam relativamente isolados, com poucos discípulos para levar adiante suas obras, são reavivados com suas especulações, com a vida intelectual das cidades, que se moviam ao encontro do pensamento conceitual, da análise crítica, da reflexão e da dialética.

É possível entender que durante o século V a cultura helênica chegou a um equilíbrio tênue, porém fértil, entre a tradição mitológica antiga e o moderno racionalismo. Erigiam-se templos para os deuses com um zelo sem precedentes, para apreender uma grandiosidade olímpica atemporal, manifesta nos monumentos, edifícios, esculturas e pinturas do Partenon, nas criações artísticas de Fídias e Políclito, que eram obtidas mediante meticulosa análise e teoria, com um vigoroso esforço para aliar, de forma concreta, a racionalidade humana à ordem mítica.

E ainda devemos destacar que os templos dedicados a Zeus, Atenas e Apolo pareciam tanto celebrar o triunfo da clareza racional e a elegância matemática do homem quanto homenagear a divindade.

Da mesma forma, os artistas gregos faziam representações de deuses e deusas à imagem e semelhança de homens e mulheres gregos, idealizados, espiritualizados, porém, manifestamente humanos e individualizados. No entanto, os deuses continuavam sendo o objeto e o modelo, o primordial da aspiração artística.

Permanecia, assim, o sentido dos limites adequados do homem no plano universal. O novo tratamento criativo conferido por Ésquilo e Sófocles, ou pelas odes de Píndaro o grande poeta coral, que via sinal dos deuses nas proezas atléticas dos jogos olímpicos, sugeriam que as habilidades humanas, agora em desenvolvimento, poderiam aperfeiçoar e dar expressão aos poderes divinos. Por enquanto, as tragédias e os hinos corais mantinham os limites da ambição humana, além dos quais estavam o perigo e a impossibilidade.

Compreende-se que, conforme avançava o século V, o equilíbrio continuava a mudar a favor do homem. O trabalho embrionário de Hipócrates na medicina, as perspicazes histórias e descrições de viagens de Heródoto, o novo calendário de Meton, as impressionantes análises históricas de Tucídides, as audaciosas especulações científicas de Anaxágoras e Demócrito, tudo isso ampliou os horizontes do pensamento helênico e fomentou sua compreensão das coisas em termos de causas naturais racionalmente inteligíveis.

Entretanto, o próprio Péricles conhecia intimamente o físico e o filósofo racionalista Anaxágoras, daí, disseminava-se um novo rigor intelectual, cético em relação às explicações sobrenaturais (Mitos: mudança do mito para a razão).

As crenças nas divindades tradicionais da Pólis ateniense eram arruinadas, ascendia, com enorme força, um espírito mais crítico e secular. A fase mais crucial desta evolução foi atingida no final da metade do século V, *com a chegada dos sofistas*.

Os sofistas operaram uma verdadeira revolução espiritual, deslocando o eixo da reflexão filosófica da *physis* e do *cosmos* para o homem e aquilo que concerne à vida do homem como membro de uma sociedade. (REALE, 1990: 73).

Principais protagonistas do novo meio intelectual, eram docentes profissionais itinerantes, humanistas, leigos de espírito liberal que ofereciam ao mesmo tempo instruções intelectuais e orientação para o sucesso na vida prática.

Com maiores possibilidades de participação política na Pólis democrática, seus serviços eram muito procurados. O pensamento dos sofistas era marcado, em geral, pelo mesmo racionalismo e naturalismo que havia caracterizado o desenvolvimento da filosofia anterior, que refletia cada vez o espírito do momento. Não obstante, introduzia no pensamento grego um novo elemento de pragmatismo cético, afastando a filosofia de suas preocupações iniciais, mais especulativas e cosmológicas.

Segundo o sofista Protágoras “o homem era a medida de todas as coisas, daquelas que são por aquilo que são e daquelas que não são por aquilo que não são” (REALE, 1990: 76). Seu julgamento pessoal a respeito da vida cotidiana deveria construir a base de sua conduta e de suas crenças pessoais, não o conformismo ingênuo à religião tradicional, nem a entrega às grandes especulações abstratas.

Para os sofistas, a verdade era relativa, não absoluta, porque diferia de uma cultura para outra, de pessoa para pessoa e de situação para situação. E também eles entendiam que alegações contrárias, fossem religiosas ou filosóficas, não suportavam a argumentação crítica.

Isso explica porque eles alcançaram tanto sucesso, especialmente entre os jovens. Eles respondiam as reais necessidades do momento, propondo aos jovens a palavra nova que esperavam, já que não estavam mais satisfeitos com os valores tradicionais, que a velha geração lhes propunha nem com o modo como os propunha (REALE, 1990: 75).

Todavia, para os sofistas o valor máximo de qualquer crença ou religião só poderia entrar em julgamento por sua utilidade prática para atender às necessidades pessoais na vida.

Essa metamorfose decisiva na essência do pensamento grego, estimulada pela situação política e social contemporânea, devia-se tanto à situação problemática da filosofia natural na época quanto ao declínio da crença religiosa tradicional. Para os sofistas, as cosmologias especulativas não falavam às necessidades práticas do homem nem pareciam plausíveis ao bom senso.

Além do mais, os filósofos naturais pareciam ter construído suas teorias sobre o mundo exterior, sem levar em conta devidamente a observação humana, elemento subjetivo. Em compensação, os sofistas admitiam que cada pessoa possuía sua própria experiência e, portanto, sua própria realidade. Afinal, argumentavam eles, todo entendimento era *opinião subjetiva*. Seria impossível a *autêntica objetividade*. Tudo o que uma pessoa poderia reivindicar conhecer com legitimidade seriam as probabilidades, não a verdade absoluta.

No entanto, segundo os sofistas, não era importante o homem não compreender perfeitamente o mundo à sua volta. Ele podia conhecer apenas o conteúdo de sua própria mente, mais as *aparências* do que as *essências*, porque para os sofistas, essas constituíam a única realidade que poderia ser uma preocupação válida.

Também entendiam que, ao contrário das aparências, não era possível conhecer uma realidade estável mais profunda, não apenas por causa das faculdades limitadas do homem, mas fundamentalmente, porque não se poderia dizer que essa realidade existisse fora das conjecturas humanas.

Ainda assim, o verdadeiro objetivo do pensamento humano era atender às necessidades humanas, somente a experiência pessoal poderia fornecer uma base para atendê-lo. Cada pessoa deveria confiar em sua própria cabeça para transitar pelo mundo.

Para eles, reconhecer as limitações intelectuais seria uma libertação, pois, somente assim o homem poderia tentar fazer seu pensamento sustentar-se soberano, servindo a si próprio em vez de confiarem em absolutos ilusórios arbitrariamente definidos por fontes não confiáveis, exteriores ao seu próprio discernimento.

Os sofistas propunham que o racionalismo crítico anteriormente dirigido ao mundo físico poderia agora ser mais facilmente aplicado nas questões humanas, à ética e à política. Os sofistas entendiam que a natureza, um fenômeno impessoal, pouco tinha a ver com as questões humanas.

Os princípios do bom senso, sem distorções, diziam que o mundo era constituído de matéria visível e não por divindades invisíveis. Portanto, o mundo seria melhor se visto sem os preconceitos religiosos. Daí os sofistas concluíam a favor de um agnosticismo ou ateísmo flexível na metafísica e uma moral situacionista na ética.

Como as crenças religiosas, as estruturas políticas e as regras da conduta moral agora eram consideradas convenções criadas pelo homem, estavam abertas ao questionamento fundamental e, portanto, à transformação. Depois de séculos de obediência cega a tradicionais posturas restritivas, o homem podia então se libertar para descobrir novos conceitos iluminados por si mesmo.

O cidadão estaria mais preparado para ser eficiente na democracia da Pólis e, de maneira geral, a garantir por si uma vida de sucesso no mundo. Como as habilidades para ter uma existência melhor podiam ser ensinadas e aprendidas, o homem era livre para expandir suas oportunidades por meio da instrução. Ele não se encontrava limitado por pressupostos tradicionais, como a crença convencional de que as capacidades de uma pessoa eram fixadas para sempre por dote do acaso ou por seu status ao nascer. Por meio de um programa, como o oferecido pelos sofistas, o indivíduo e a sociedade poderiam melhorar.

A formação adequada da personalidade de um homem para uma boa participação na vida da Pólis exigia uma excelente formação nas diversas artes e ciências, e assim foi criada a Paidéia, o clássico sistema grego de instrução e educação, que incluía ginástica, retórica, poesia, música, matemática geografia, história natural, astronomia e ciências físicas, história da sociedade, ética e filosofia, enfim todo um curso pedagógico necessário para produzir o cidadão completo, plenamente instruído.

Para os sofistas:

O domínio pessoal, em tal regime, depende da capacidade de conquistar o povo pela persuasão, compreende-se a importância que, em situação semelhante devia ter a oratória e, por conseguinte, os mestres de eloquência [...] ensinando aos homens ávidos de poder político a maneira de consegui-lo [...] o conteúdo desse ensino abraçava todo o saber.(PADOVANI, 1958: 56).

Os sofistas souberam captar de modo perfeito as instâncias da época angustiada em que viveram, sabendo-as explicitar e dar-lhes forma e voz. E isso explica porque eles alcançaram tanto sucesso, especialmente entres os jovens.

Eles respondiam às reais necessidades do momento, propondo aos jovens a palavra nova que eles esperavam, já que não estavam mais satisfeitos com valores tradicionais que a velha geração lhes propunha nem com o modo como os propunha.

Além da busca do saber enquanto tal é verdade que os sofistas visavam a objetivos práticos, sendo essencial para eles a busca de alunos. Entretanto, também é verdade que a objetivação prática das doutrinas sofistas apresenta um aspecto altamente positivo. Como efeito, com os sofistas, o problema educacional e o compromisso pedagógico emergem para o primeiro plano e assumem um novo significado na vida do cidadão.

Também é verdade que os sofistas exigiam compensação pecuniária por seus ensinamentos. Isso escandalizava imensamente os antigos porque, para eles, o saber era fruto de desinteressada comunhão espiritual, ao passo que só os aristocratas e ricos tinham acesso ao saber, pois já tinham os problemas práticos da vida resolvidos, dedicando ao saber o espaço de tempo “livre das necessidades”.

Para esses antigos pensadores, os sofistas haviam feito do saber uma profissão, devendo, portanto exigir uma compensação para que pudessem viver e difundir-lo, viajando de cidade em cidade. Claro, pode-se censurar alguns dos sofistas pelos abusos em que caíram, mas não pelo princípio que introduziam, o qual, só depois de muito tempo tornou-se uma prática comumente aceita.

Assim, os sofistas rompiam com um esquema social que limitava a cultura só a determinadas camadas, oferecendo também a outras camadas a possibilidade de adquiri-la. Por viajarem muito, os sofistas foram condenados por desrespeitarem o apego à cidade que, para os gregos, era uma espécie de dogma ético. Se observarmos de maneira oposta, é possível entendermos a atitude dos mesmos como positiva.

Nesse ponto, inclusive, souberam até ver além de Platão e Aristóteles, que continuaram a ver na cidade-estado o paradigma do estado ideal. Os sofistas manifestaram uma notável liberdade de espírito em relação à tradição, às normas e aos comportamentos codificados, mostrando uma confiança ilimitada nas possibilidades da razão. Por esse motivo, foram chamados “os iluministas gregos”, expressão que oportunamente circunstanciada e historicizada, os define muito bem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram os sofistas os que primeiro promoveram nova reflexão que possibilitava ao homem alçar novos vãos. Toda a discussão que reavivava o pensamento humano subtendia como obras dos sofistas. Eles não surgiram com o advento da democracia, pelo contrário, foram eles que formaram a condição de possibilidade de democracia por meio de sua oratória.

Com o intuito de ajudar a proporcionar um diálogo sofista que atenda de forma mais completa as necessidades da argumentação, este trabalho buscou transmitir conhecimentos específicos dos sofistas, evidenciando que sempre é preciso estar atento a uma boa educação, pois percebemos que o domínio pessoal, depende da capacidade de conquistar as pessoas pela persuasão.

Os sofistas tinham como objetivo o desenvolvimento do poder da argumentação, da habilidade retórica, do conhecimento de doutrinas divergentes. Eram professores viajantes que por determinado preço, vendiam ensinamentos práticos de filosofia, levando em consideração os interesses dos alunos, davam aulas de eloquência e sagacidade mental, ensinavam conhecimentos úteis para o sucesso nos negócios públicos e privados.

Como driblavam as teses dos adversários, e por defender que não haveria uma verdade única, absoluta - que tudo seria relativo a um momento, a um conjunto de fatores e circunstâncias, acabaram por ganhar o título de impostores, perdendo o sentido etimológico do termo "sofista", que significa sábio.

REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia** – Editora Saraiva – São Paulo – 1991.

Coleção: **Os Pensadores**, Os Pré-Socráticos - Abril Cultural - São Paulo, 1 edição, volume I, agosto 1973

REALE, Giovanni; **História da Filosofia**: Antiguidade e Idade Média / Giovanni Reale, Dario Antiseri; São Paulo: Paulus, 1990 – (Coleção Filosofia).

PADOVANI, Humberto e CASTAGNOLA, Luis. **História da Filosofia**; 3ª edição, 1958 Comp. Melhoramento de São Paulo, Industria de Papel.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofando: Introdução à filosofia**/ São Paulo, Ed. Moderna, 1986.